

# Transformação num velho hospício em Campinas – Brasil.

Cenise Monte Vicente<sup>1</sup>

Willians Valentini<sup>2</sup>

Tres temas para situar uma experiência brasileira de reabilitação psicossocial:

1. Hospital ou instituição psiquiátrica podem ser meros reprodutores da cultura ou um produtor social que contribua com uma nova maneira de ver, pensar e agir em relação a loucura;
2. Transformação do atendimento é um processo de aprendizagem, portanto, quais são as aprendizagens básicas necessárias e como processá-las?;
3. Um processo de transformação cultural enfrenta diferentes adversidades. Como promover as resiliências coletivas?

## Tema 1

Uma instituição é mera reprodutora da cultura- que implementou e consolidou o modo de relação com a doença mental pela apartação dos não-conformes- quando não altera três aspectos fundamentais da prestação de cuidados em psiquiatria:

- o medo;
- a intolerância;
- a segregação.

Não basta não incentivar ou não colaborar com estes elementos. É necessário combatê-los. Visto que são mais de trezentos anos de história \*(duzentos anos no Brasil) houve forte assimilação destes aspectos, presentes nos profissionais de saúde, nas famílias e nas comunidades, amparados pôr leis e “saberes” que autorizam e legitimam práticas que estão na contramão da reabilitação psicossocial. Portanto:

- 1) Um serviço de saúde mental deve ser um centro de transformação cultural, com atuação destinada a erradicar o medo, promover tolerancia e incentivar e contribuir para a construção de atitudes coletivas de inclusão social;
- 2) Compreender que as questões de saúde são de natureza pública, transcendem a esfera governamental, e são de responsabilidade do conjunto da sociedade.

---

<sup>1</sup> Cenise Monte Vicente é psicóloga, doutoranda em Medicina, área Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Willians Valentini é psiquiatra, superintendente do Serviço de Saúde “Dr. Cândido Ferreira” de Sosas, Campinas, SP, Brasil.

Este caminho depende de nossa capacidade de mudar o modo de ver pensar e agir, dentro e fora da instituição. Exige ações diretas e ações comunicativas (mobilização, pedagogia e advocacia social como instrumentos de ação ético-política, para promover mudanças nas políticas públicas e na solidariedade social necessárias para a viabilização de uma sociedade incluyente).

A equipe reabilitadora passa a ser um produtor social. O centro deste trabalho é a mobilização social, e tem diversas etapas, que consistem em gerar conteúdos, fazer circular sentidos, identificar e articular redes, provocar dinamismos, gerar impacto, através de ações desenvolvidas em comum. Segundo Bernardo Toro,<sup>3</sup>:

- 3) é necessário convocar o imaginário social em direção de mudanças que sejam democráticas, participativas e incluyentes. Em Trieste, pôr exemplo, a bandeira convocante era: La Libertà è Terapeutica. No “Cândido” foi a campanha: Isto é normal? Isto é loucura?;
- 4) identificar re-editores que reproduzam a ideia principal adaptando-a aos seus públicos específicos. Pôr exemplo, vários professores universitários de disciplinas e de cursos variados (psicologia, medicina, enfermagem, terapia ocupacional, arquitetura, serviço social, planejamento em saúde, marketing, comunicação social) de universidades diferentes ( UNICAMP, PUC, Federal de São Carlos, Itatiba, etc; artistas, jornalistas, vizinhos, lideranças comunitárias, escolas de samba, etc. são, no caso de Campinas os re-editores protagonistas.
- 5) As ações e os atores passam a ter uma sinergia. O modo não piramidal ou não hierarquico permite que cada um participe dentro de seu cotidiano e área de interesse, estimula um engajamento sem institucionalização;
- 6) Diferentes eventos e acontecimentos, que se alternam no calendário da mobilização possibilitam a manutenção do tema sem desgaste, produzindo novas adesões e novos campos de atuação;
- 7) Cada ação gera resultados que podem ser avaliados e fortalecem os re-editores identificados com o novo paradigma, segundo o qual o louco é antes de tudo um cidadão;
- 8) A convergência e a complementaridade de iniciativas podem gerar um patrimonio de idéias e experiências adaptáveis para outros contextos.

---

<sup>3</sup> Segundo Bernardo Toro, in “ Mobilização Social” , mimeo, 1996.

## Tema 2

Quais aprendizagens básicas vimos buscando construir?

São sete as aprendizagens propostas pôr Bernardo Toro, que pretendemos adaptar à nossa realidade e questão (superação do medo, da intolerância e da segregação social):

1. Aprender a não agredir o congênere, que consiste no fundamento do modelo de convivência social. Para Toro, o homem deve ser ensinado a não agredir seu semelhante (nem psicológica, nem fisicamente), devendo aprender a ser forte sem perder a ternura e a compreensão pelo outro. No processo de abertura que se opera no “Cândido Ferreira”, o aprendizado da não agressão é cotidiano. Eventuais episódios de agressão vêm sendo trabalhados com treinamentos para pacientes e funcionários para que todos se respeitem.
2. Aprender a comunicar-se, base da auto-afirmação pessoal e social. A convivência social requer o aprendizado do conversar, do expressar-se, do compreender, do esclarecer, do concordar, do discordar e do comprometer-se. Incentiva-se que todos se tratem pelo nome, já que o direito ao próprio nome é reconhecido e legitimado ao nascer.
3. Aprender a interagir, aprendizado básico dos modelos de relação social. Tal aprendizado permite aprender a concordar e a discordar sem romper a convivência. Permite que sejam utilizadas regras de saudação e cortesia. A vida no interior dos pátios restringe as trocas sociais e restaurar habilidades de interação passa pôr restaurar o outro e a nós mesmos no compartilhamento do cotidiano.
4. Aprender a decidir em grupo, base da Política e da Economia. Construir a decisão em torno dos interesses comuns e do futuro é aprendizado que temos desenvolvido no que diz respeito a morar fora do hospital, trabalhar, frequentar espaços comunitários. A gestão de todo o processo leva em conta a importância do aprendizado de se decidir em grupo. A gestão no Serviço é democrática participativa. Incentivam-se as reuniões semanais de equipe e assembléias, para se aprimorar as capacidades de construção de confiança, co-responsabilidade e compromisso.
5. Aprender a cuidar de si, que consiste na base dos modelos de saúde e da seguridade social. Espaços para se estar e se cuidar foram instalados e funcionam buscando ensinar pacientes e trabalhadores quanto à importância do auto-cuidado. As formas de compor as vestes, de se calçar, de se alimentar, de cuidar da saúde, dos dentes, etc. Os banhos, a higiene pessoal e os cuidados com a aparência pessoal. Os pacientes, com os profissionais que desenvolvem os trabalhos de referência passam pôr treinamento semanal para tais habilidades.

6. Aprender a cuidar do lugar em que vivemos, fundamento da sobrevivência. Seja no ambiente do próprio Serviço seja nas moradias externas o aprendizado de cuidar do micro e do macro ambientes deve se desenvolver. Quanto melhor cuidados e mais respeitados são os pacientes, tanto mais fácil se torna ampliar a co-responsabilidade pelo cuidado com o meio externo.
7. Aprender a valorizar o saber social, que é base da evolução social e cultural. O saber cultural e o saber acadêmico são importantes para a evolução do homem enquanto homem. A ampliação dos saberes é estimulado através de um clube, o Clube dos Saberes, frequentado pôr pacientes e funcionários, que funciona com a ajuda de um psicanalista, e que vem se inspirando nos trabalhos de Pierre Levy, autor do conceito “Árvore dos Saberes”. Uma escola foi instalada em parceria com a Secretaria Municipal de Educação com a finalidade de restaurar oportunidades de educação formal e funciona fora do território hospitalar e é compartilhada com a comunidade, que dela também se utiliza.

A atitude pedagógica de sempre buscar aprender é atitude que se propõe seja compartilhada pôr todos os atores sociais que se aproximam ou se interessam pelo que se vem fazendo em Sousas, Campinas. O fato de tratarmos a convivência como aprendizado favorece as flexibilizações necessárias para que se aprenda coletivamente. Todos têm a ganhar quando se dispõem a aprender junto.

### Tema 3

Como promover resiliência individual e coletiva?

A partir do princípio de que também a resiliência pode ser construída. E considerando a literatura existente sobre o tema, os elementos presentes nos resilientes são, basicamente:

- vínculo com um outro significativo, que no caso do serviço pode ser identificado em profissional de referência para as equipes – gerentes – e referência para pacientes e grupos, além do supervisor da equipe;
- auto-estima e auto confiança altas estimulados com a utilização de espelhos, roupas, salão de beleza, trabalhos realizados pelo dentista para recuperação dos sorrisos, devolvendo aos pacientes os dentes;
- estabelecimento de tarefas concretas, de curto prazo e realizáveis que se dão com a realização de projetos datados, discutidos e decididos em assembléias, viagens, festas, idas a feiras, salões de arte, bailes, etc;

- rotina permeada de pequenas alegrias, com vivências de restauração corporal e afetiva observável no regime de portas abertas, acesso ao leito em qualquer momento do dia, grupos musicais, acesso aos jardins e à comunidade, respeitando-se o direito de ir e vir;
- calendário com muitas festas, que conta com comemoração dos aniversários, idas à praia, saídas para compras e atividades em ginásios esportivos e piscina pública.

Do ponto de vista da resiliência coletiva, trata-se principalmente de:

- mudar o modo de lidar com as dificuldades, substituindo o paradigma da desesperança pelo paradigma da esperança, segundo o qual nossa ação no mundo pode alterar os resultados,
- abandonar o modelo do dano, onde o olhar está centrado nos impedimentos e dificuldades, e optar pelo modelo do desafio, no qual o problema é percebido e as oportunidades de enfrentamento também são reconhecidas,
- aprender a obter prazer na possibilidade de construir soluções para as situações difíceis e não apegar-se a alibis estruturais nos quais alguém ou alguma instituição é responsabilizada pelo que não vai bem;
- inserir-se no enredo e fazer o que está ao alcance do grupo ou da rede,
- investir e construir capital social, entendendo que a capacidade de um grupo de agir de modo coeso é uma das maiores riquezas reabilitadoras, principalmente quando este grupo é composto por pessoas diferentes e isto não se transforma em desigualdades utilizadas para se evitar as trocas, mas em riquezas a serem compartilhadas.